

Modernização e complexidade do circuito superior nas economias urbanas de Londrina e Maringá-PR

Edilson Luis Oliveira

Universidade Estadual de Londrina

Tânia Maria Fresca

Universidade Estadual de Londrina

p. 496– 511

revista

Geo 
USP

espaço e tempo

Volume 18, nº 3 (2014)

ISSN 2179-0892

Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/90065>

Como citar:

OLIVEIRA, E. L.; FRESCA, T. M. Modernização e complexidade do circuito superior nas economias urbanas de Londrina e Maringá-PR. *GEOUSP – Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 496-511, 2014.



Este artigo está licenciado sob a Creative Commons Attribution 3.0 License.

Modernização e complexidade do circuito superior nas economias urbanas de Londrina e Maringá-PR

Resumo

O circuito superior da economia urbana das cidades de Londrina e Maringá tem características regionais que ajudam a explicar sua forte centralidade e a polarização que elas exercem em todo o norte do Paraná. Essas características regionais resultam da formação social dessas cidades, pautada pela presença da pequena produção mercantil e por ondas sucessivas de modernização que incidiram no norte do Paraná, modificando as formas de integração dessa região na divisão territorial do trabalho brasileira ao longo da segunda metade do século XX e no início do XXI.

Palavras-chave: Modernizações. Economia urbana. Região. Circuito superior de Londrina. Circuito superior de Maringá.

Modernization and complexity of upper circuit in the urban economies of Londrina and Maringá-PR

Abstract

The upper circuit of urban economies of the cities of Londrina and Maringa have regional characteristics that help explain its strong centralities and polarization exerted by these towns throughout Northern Paraná. These features are the result of social formation, which was characterized by the presence of small farms producing commodities and by successive waves of modernization that focused on Northern Paraná, changing forms of integration of this region into Brazilian territorial division of labor, over the second half of the twentieth century and early twenty-first century.

Keywords: Modernizations. Urban Economics. Region. Upper Circuit of Londrina City. Upper Circuit of Maringá City.

Introdução

A teoria dos dois circuitos da economia urbana indica que a cidade deve ser entendida como uma totalidade resultante da articulação de dois subsistemas: o circuito superior e o inferior. A existência dos dois circuitos está diretamente relacionada com o modo particular de realização da produção e do consumo no chamado período técnico-científico (Santos, 1979). O período técnico-científico caracteriza-se, entre outros aspectos, pelo peso e importância crescentes da ciência e da tecnologia geradas por gigantescas empresas multinacionais e pelo Estado, pela internacionalização mais profunda da economia e pela difusão em escala mundial da informação e do consumo.

Milton Santos (1979, p. 67-94) caracteriza o circuito superior, identificando as atividades que o integram: o comércio e a indústria urbanos e modernos, o comércio de importação e exportação, a indústria de exportação, os bancos, atacadistas e transportadores. Identifica também, os consumidores ligados a esse circuito, composto em geral, pelas classes médias e pelos estratos superiores da burguesia.

Uma característica comum às atividades do circuito superior ou moderno é que elas são intensivas em capital, burocraticamente organizadas e têm acesso privilegiado a crédito bancário. O circuito inferior, por sua vez, é composto pelas atividades não modernas, intensivas em trabalho e de pequeno porte, o que abrange um amplo leque: comércio varejista, artesãos, pequenas fabricações, serviços, especialmente o trabalho doméstico, transportes autônomos, entre outros (Santos, 1979, p. 147-203). Esse circuito se relaciona com as condições de vida da população pobre em meio à economia urbana moderna.

No início do século XXI, a modernização mais recente se apresenta lastreada por um conjunto de inovações, especialmente nos campos da microeletrônica, da biotecnologia e da gestão, configurando a chamada reestruturação produtiva. Dentre os impactos da reestruturação produtiva sobre a economia urbana, vale ressaltar a intensificação e as novas densidades da divisão territorial do trabalho, as quais estão diretamente relacionadas à informatização e à automação dos processos produtivos, afetando também o terciário. Em consonância com as transformações tecnológicas, com a aplicação de novos padrões gerenciais nas empresas, ocorre a formação de novos hábitos de consumo, amplia-se a segmentação dos mercados, aprofunda-se a imbricação das escalas e a internacionalização das economias urbanas.

A modernização do consumo se configura como uma força importante na definição e articulação entre os circuitos e, em conjunção com outros processos, inerentes ao período atual, como o desemprego crônico e as novas formas de produção de pobreza, que incidem sobre a economia urbana propiciando processos de reestruturação dos circuitos superior, superior marginal e inferior. Pesquisas de autores como Montenegro (2012), Tozi (2012) e Silveira (2004; 2009), entre outros, mostram como o circuito inferior vem passando por transformações e adaptações que geram novas possibilidades de inserção até mesmo em redes globais, de articulação com o processo de financeirização e, ao mesmo tempo, apresentando particularidades regionais que diferenciam espacialmente as formas de articulação com o circuito superior.

Para realizar a discussão específica dos traços regionais da formação e funcionamento do circuito superior da economia urbana em Londrina e Maringá, principais cidades do norte paranaense, é importante contextualizar a participação das mesmas nos sucessivos pro-

cessos de modernização, que nas últimas décadas redefiniram a inserção desses centros na divisão territorial do trabalho. Assim, dividimos o artigo em quatro partes. Na primeira parte discutimos a formação das cidades e suas economias urbanas com seus respectivos circuitos superiores, buscando identificar as características particulares do contexto regional que, se fizeram presentes nesses processos. Na segunda parte, abordamos no período de 1970 a 1990, as modernizações ligadas às fortes transformações econômicas, sociais e espaciais na região e suas implicações no circuito superior de cada cidade. Na terceira parte discutimos outros segmentos do circuito superior em Londrina e Maringá, a exemplo dos *shopping centers*. Nas considerações finais, procuramos dar um quadro geral dos circuitos superiores londrinense e maringaense nesta primeira década do século XXI.

Formação e estruturação do circuito superior em Londrina e Maringá

Londrina e Maringá são duas cidades que tiveram suas gêneses no contexto da formação social da pequena propriedade de origem imigrante de segunda ou terceira geração. Uma característica importante dessa formação social foi a sua estruturação inicial a partir de pequenas propriedades para produção agrícola, utilizando predominantemente mão de obra familiar. Essas pequenas propriedades forneciam gêneros alimentícios, matérias-primas, derivados do leite, defumados etc., para o mercado consumidor local, enquanto o café era destinado ao mercado internacional. Consumiam produtos industrializados obtidos a partir de São Paulo, mediatizados pelo transporte ferroviário, que esteve presente desde os primeiros anos da expansão da frente pioneira no norte do Paraná (Fresca, 2004).

A partir dessas características, entendem-se as especificidades pelas quais se realizou o modo de produção capitalista na área onde estão as duas cidades. No entanto, é importante assinalar que essa realização guarda diferenças em termos temporais, já que Londrina teve sua gênese em 1929, enquanto a de Maringá se deu a partir de 1945. Mas, apesar dessa diferença temporal, os dados analisados revelam com muita clareza que nas duas cidades, a formação social propiciou o desenvolvimento de uma intensa divisão social do trabalho, extensiva à relação campo-cidade.

Em outros termos, a base sobre a qual se estabeleceu o comando urbano nas relações cidade-campo foi o elevado número de pequenos proprietários rurais, que necessitavam de determinados serviços urbanos para suas produções. Londrina e Maringá tornaram-se sedes de máquinas de beneficiamento agrícola, assumindo assim, funções vitais para a realização mercantil da produção rural. Nesse comando, incluiu-se ainda a ampliação do sistema bancário, transporte, comunicação etc., a partir dos quais a renda fundiária – pequena por propriedade, mas que representava elevadas somas no conjunto – era em grande parte dirigida às cidades. Gerou-se assim, uma demanda crescente por serviços diversificados para atender necessidades da população rural e também da população urbana que crescia com rapidez, na medida em que prosperava a pequena produção mercantil. Ampliava-se assim, o mercado consumidor no campo e na própria cidade. O setor terciário, em princípio modesto, rapidamente foi sendo dinamizado tanto pela expansão da demanda como pela sucessiva ampliação de produtos e serviços ofertados, já que havia poder de consumo.

É no contexto geral dessa formação social, sumariamente descrita, que se pode compreender a emergência do circuito superior das economias urbanas em Londrina e Maringá. Em linhas gerais, ambas seguiram o mesmo percurso, apesar das diferenças temporais. Importa ressaltar que o circuito superior se forma a partir das sucessivas modernizações e de suas respectivas internalizações na cidade, resultando na criação de objetos, fluxos, agentes e ações que atendem à demanda das empresas hegemônicas, da burguesia local e regional e, principalmente, à reprodução dos capitais hegemônicos, entre outras necessidades.

Assim, a primeira das atividades do circuito superior nas duas cidades foram as máquinas de beneficiamento de café, arroz e algodão, com níveis técnicos relativamente modernos para aquele momento, cujos proprietários eram médios e grandes industriais. Sem a presença desta atividade industrial, o elevado número de pequenos proprietários não teriam alternativas para o beneficiamento e posterior comercialização de sua produção. No entanto, é importante lembrar que os conflitos em torno desta atividade foram enormes, por conta dos elevados níveis de exploração a que foram submetidos os pequenos proprietários. Tanto em Londrina como em Maringá a implantação destas máquinas ocorreu poucos anos após o início da ocupação e da produção no meio rural.

Na esteira da produção cafeeira, implantou-se ainda um dinâmico comércio de exportação do produto, viabilizado por grandes comerciantes e empresas de capital nacional e internacional. Ao longo dos anos 1950, empresas como a American Coffee and Tobacco, a Anderson Clayton, a SANBRA, a Almeida Prado, a Neumann Gepp e Braswey S/A, entre outras. Instalaram-se em Londrina onde concentravam os grandes negócios em torno da produção regional, bem como controle sobre parcela importante do beneficiamento dos produtos agrícolas. Londrina tornou-se então, o maior centro de comercialização de produtos agrícolas do Paraná e o norte do estado era a região responsável pela maior parte da produção agrícola de café, algodão, menta, rami etc. (Bernardes, 2007). Alguns anos depois, uma parte dessas mesmas empresas esteve presente na formação do circuito superior em Maringá, mas sem alcançar o mesmo volume e importância das negociações verificadas em Londrina.

Uma segunda atividade do circuito superior presente em ambas as cidades desde sua elevação administrativa à condição de sede municipal, foram os bancos, responsáveis pelas fortes articulações e fluxos monetários com as principais praças do país, particularmente São Paulo e Santos. Diversos bancos instalaram-se em Londrina desde 1937, quando a Caixa Econômica Federal inaugurou sua filial e foi logo seguida pelo Banco Noroeste. No início dos anos 1950, o norte do Paraná reunia mais de 60% das 157 agências bancárias do Paraná. Londrina contava com 11 agências, entre as quais destacamos as do Banco do Brasil, Banco Brasileiro de Descontos, Banco de São Paulo, Banco do Comércio e Indústria de São Paulo e o Banco Brasileiro para a América do Sul, sendo então a cidade norte paranaense com maior concentração desses estabelecimentos. Além do número expressivo de agências, os fluxos bancários eram volumosos. No início dos anos 1950, a filial da Caixa Econômica Federal na cidade era responsável por 57% dos depósitos e aplicações de todo Paraná. O departamento de crédito da agência do Banco do Brasil estava entre os mais ativos do país, sendo superado apenas por São Paulo, Santos e Porto Alegre (Linardi, 1995, p. 145). Em Maringá o proces-

so foi semelhante ao que ocorrera em Londrina, mas em momento posterior. O período de maior expansão bancária em Maringá se deu na segunda metade da década de 1950 e contou com agências das mesmas instituições bancárias presentes em Londrina.

Nos anos 1950, o comércio atacadista foi outra atividade do circuito superior que esteve presente nas duas cidades. Trata-se de um ramo importante do circuito superior, atividade limítrofe entre os dois circuitos da economia urbana, que guarda importância fundamental na conformação da centralidade urbana (Santos, 1979). O comércio atacadista foi um dos mecanismos fundamentais de oferta de produtos industriais aos diversos comerciantes presentes nas cidades em discussão, bem como nos demais núcleos urbanos que mantinham relações interurbanas com ambas, estando portanto, em suas áreas de influências. Londrina teve seu auge como concentradora de comércio atacadista nos anos 1940-50, quando abrigou estabelecimentos de grandes empresas como a J. A. Veríssimo, Martins e Dias Pastorinho. A cidade abastecia uma vasta região que incluía a própria cidade de Maringá e sua futura área de influência.

Paulatinamente, essa importante função regional que dinamizou a economia urbana de Londrina, foi sendo reduzida e algumas destas empresas, transferiram-se para Maringá. Particularmente nesta atividade, Maringá teve mais destaque que Londrina ao longo dos anos 1950-60 e parte dos 1970. Inicialmente sua área de atuação envolvia toda a porção a oeste de Maringá, até os limites estaduais. Posteriormente avançou em direção ao Mato Grosso e Goiás acompanhando, portanto, a própria expansão da incorporação de novas áreas à produção agropecuária. Algumas das principais empresas atacadistas de Maringá foram: Alcides Parizotto (Atacadão) e Comercial Catarinense, ambas de origem local; Dias Martins, J. Veríssimo, Casas Alô Brasil, Importadora São Marcos, Afonso Fernandes André, Vila Real, F. Monteiro e Gonçalves Sé, grandes empresas de origem paulista, que transformaram Maringá no principal centro atacadista do sul do Brasil (Luz, 1997).

O comércio atacadista teve papel fundamental na formação da economia urbana de Maringá que, ao longo do tempo, se consolidou graças a sua participação no processo de polarização exercido por essa cidade sobre um amplo espaço regional. Por isso, é tão necessário entendê-lo como elemento da cidade, que cumpre o papel de superar os obstáculos inerentes à transformação do meio natural em meio técnico, suprindo os agentes e apoiando as ações que realizaram essa transformação. Vale lembrar a situação geográfica de Maringá e sua formação no contexto do mesmo gigantesco empreendimento imobiliário, no qual Londrina era inicialmente, o centro principal. Diante da diferença temporal entre ambas, Maringá sofreria a concorrência de Londrina no contexto regional, sendo então induzida a estabelecer seu poder polarizador sobre áreas à jusante de sua localização no processo de penetração do desenvolvimento capitalista do Norte do Paraná (Endlich, 1999). Em Londrina o comércio atacadista também foi bastante importante, mas arrefeceu nos anos 1960 diante do avanço das condições de abastecimento de produtos industrializados por intermédio de representantes comerciais e das próprias indústrias, resultando na transferência de boa parte dessa atividade para Maringá.

O comércio varejista também merece destaque no processo de formação das economias urbanas dessas duas cidades. Esse destaque se explica não só pelo número de estabelecimentos, mas também pela diversidade de produtos que eram ofertados. Vale lembrar

que os anos 1950 são um momento fundamental para compreender a dinâmica da economia urbana dessas duas cidades, especialmente no que se refere ao papel do comércio varejista. Em 1950 Londrina contava com população total de 66.851 habitantes, sendo 50% urbana. Maringá por sua vez, tinha uma população total de 38.588 habitantes, dos quais 18,8% eram urbanos.

Naquele momento, Londrina já possuía um circuito superior dotado de comércio varejista mais consolidado do que o de Maringá, onde essa atividade estava em fase de estruturação. Essas diferenças condicionaram a força e o alcance das respectivas centralidades dessas cidades e da polarização exercida sobre o espaço regional, influenciando fortemente na dinâmica da rede urbana norte paranaense.

Nos anos 1950, no comércio varejista londrinense, além dos fundamentais armazéns de secos e molhados que vendiam enorme variedade de produtos alimentícios, instrumentos para agricultura, chapéus e roupas, entre outros, já existiam em Londrina filiais de grandes firmas nacionais e estrangeiras. Era o caso das Casas Pernambucanas, concessionária da Ford Motor Company, agência da Chevrolet, postos de combustíveis da Shell e Texaco, lojas Philco, distribuidora da Chrysler (Linardi, 1995), além de uma variedade de estabelecimentos locais bem organizados como relojoarias, lojas de tecidos finos e calçados, entre outros. Em Maringá o comércio estava em fase de estruturação, mas já se evidenciava a presença de lojas que podem ser definidas como pertencentes ao circuito superior, graças à forma empresarial de organização, o tipo e a variedade de produtos ofertados, considerando-se o período histórico. Eram lojas ligadas a grandes grupos econômicos de fora da região, como a Prosdócimo e Hermes Macedo, e outras de lojas formadas a partir de capitais locais como os supermercados Musamar (Gini, 2008, p. 32).

O desenvolvimento do comércio varejista propiciou a alguns personagens e famílias, intensa participação na política local e regional, a exemplo de determinados membros da família Planas (Gini, 2008, p. 33). A inserção desses personagens na política municipal e estadual era inerente a seu peso no comércio e à crescente importância de Maringá no povoamento da região. A formação da economia urbana e, nesse caso, do circuito superior representou também a formação de segmentos de elites burguesas que se radicaram em Londrina e Maringá.

Do ponto de vista dos serviços, merece destaque a implantação das emissoras de rádios em ambas as cidades: a primeira emissora em Londrina foi criada em setembro de 1943, denominada ZYD-4 Rádio Londrina, “a voz do setentrião paranaense”, anunciada pelo jornal *Paraná Norte*, primeiro veículo de comunicação de Londrina (Komarchesqui; Boni, 2009, p. 11).

Em Maringá, foi criada em 1951 a Rádio Cultura de Maringá AM. Similarmente, fundaram-se em ambas as cidades os primeiros jornais locais: em Londrina foi o jornal *Paraná Norte*, fundado em “outubro de 1934, dois meses antes da própria instalação do município londrinense. O jornal era impresso na Tipografia Oliveira [...] com tiragem de 500 exemplares” (Leite, 2013, p. 2-3); em Maringá, o primeiro jornal foi criado em junho de 1950, com alcance regional.

O circuito superior também se fez presente através da ação de construtoras locais que, muito precocemente iniciaram o processo de verticalização em Londrina e Maringá. A produção de edifícios altos, com vários pavimentos, tornou-se um dinâmico setor para a produção e

reprodução de capital e, ao mesmo tempo, um elemento representativo da modernidade dessas cidades, sem que isto significasse ausência de áreas para produção de habitações horizontais. Na década de 1950, um dos aspectos representativos dos pesados investimentos realizados em Londrina, visando colocá-la na “modernidade”, foi justamente o precoce processo de verticalização urbana. Oriundo do acentuado desenvolvimento econômico da cidade, esse processo vinculou-se à forte retomada da produção e exportação do café no pós-Segunda Guerra Mundial, à expansão das atividades do setor secundário e terciário e à implantação de infraestrutura urbana, com pavimentação de ruas, fornecimento de energia elétrica e rede de água, que geraram condições para o estabelecimento de uma etapa, aqui denominada “anos dourados” (Casaril; Fresca, 2006).

A primeira construtora de destaque na cidade foi a Construtora Veronesi, pertencente a uma família de origem italiana que migrou para Londrina em 1950. Trazendo heranças de seus desempenhos no ramo da construção civil naquele país, logrou expandir suas atividades na cidade a partir de parceria estabelecida com Anselmo Maselli e com o sr. Milanez, fundador da Folha de Londrina (Albuquerque, 2005). Como resultado dessa parceria foram edificadas alguns dos primeiros edifícios altos na cidade como o edifício Folha de Londrina com 18 pavimentos, o edifício Centro Comercial, com três torres gêmeas de 22 pavimentos cada. Entre 1950-1959 foram construídos 17 edifícios na cidade, dos quais 64,7% acima de nove pavimentos, todos na área central. Note-se que, quase metade dos edifícios construídos destinava-se ao uso comercial: hotéis, bancos, escritórios etc. Para Linardi (1995, p. 230), Londrina tornou-se a mais moderna dentre todas as cidades da região, título conquistado mediante inovações sucessivas, claramente perceptíveis na paisagem urbana. Em Maringá, a verticalização iniciou-se nos anos 1960 e até 1969 foram produzidos 13 edifícios na área central, destinados em parte ao uso comercial e prestação de serviços. Nos 1970 a verticalização avançou velozmente, sendo controlada por firmas de capitais locais (Mendes, 1999).

A dinâmica da formação social baseada na pequena propriedade, na qual Londrina e Maringá estavam inseridas, foi capaz de, em poucos anos, implantar vários elementos do circuito superior da economia urbana. Fossem esses oriundos de empresas regionais e/ou nacionais ou criados a partir de capitais locais, tratava-se de um processo que buscava investir nas cidades, rendas fundiárias e lucros diversos, de modo a dotá-las de diferentes atividades, atendendo demandas de um mercado consumidor em forte expansão e ao mesmo tempo, criar caminhos para a reprodução do capital. Em resumo, pode-se dizer que, ao longo dos anos 1950-60, formaram-se em Londrina e em Maringá não só economias urbanas, mas economias urbanas dotadas de circuitos superiores pujantes com feições eminentemente regionais. Essas feições regionais foram dadas pelo contexto mais amplo da frente pioneira do norte do Paraná e da formação social dela resultante, calcada na pequena produção mercantil. Assim, os circuitos superiores londrinense e maringaense não eram similares aos presentes em São Paulo ou no Rio de Janeiro, mas eram adaptados às condições dadas para e pela reprodução dos capitais particulares ali instalados. Se não se tratava de atividades em que o capital constante fosse tão predominante, se não apresentavam uma densa organização burocrática ou se não utilizavam as mais modernas tecnologias, isso não impede compreendê-los como circuitos superiores construídos na e para as condições regionais.

Ressaltamos o aspecto regional dos circuitos superiores para não incorrer-se no risco de transformar a teoria em uma camisa de força, tornando os circuitos em meros tipos de uma classificação rígida e estéril, porque desprovida de articulações com as mediações impostas pelas condições geográficas particulares. No caso em tela, tratava-se de um dinamismo econômico tal que permitia a implantação de um forte comércio atacadista, de lojas que vendiam produtos requintados, quase todos oriundos da indústria paulista, e de um sistema bancário dos mais dinâmicos do país, entre outros elementos. Tratava-se ainda de um processo no qual o Estado participava ativamente tanto oferecendo condições gerais à produção como dotando a cidade de infraestrutura, viabilizando assim as atividades econômicas urbanas.

Outras modernizações e a economia urbana de Londrina e Maringá a partir dos anos 1970

Os circuitos da economia urbana de Londrina e Maringá atingiram outra etapa de seu desenvolvimento, no momento em que o trabalho e o cotidiano passam a ser predominantemente urbanos, isto é, a partir do momento em que se firma o urbano como modo de vida predominante da maior parte da população e que o campo foi inteiramente submetido à lógica industrial de produção (Oliveira, 2011, p. 89-95). Em 1970, Maringá tinha 121.374 habitantes, dos quais 82,4% eram urbanos, números que, em 2010, se elevam para 357.077 habitantes e 98,2% de urbanização. Londrina contava com 288.532 habitantes, sendo 78% urbanos em 1970, passando para 506.701 habitantes em 2010, com 97,3% de urbanização.

A agroindustrialização e a formação de cooperativas são processos emblemáticos dessas transformações (Carvalho, 1991). Desse momento em diante um novo circuito superior resultante das modernizações na agropecuária, transportes, comunicações, relações sociais e da intensificação da urbanização, passou a comandar a economia urbana nas duas cidades.

No bojo dessas transformações econômico-espaciais dos anos 1960-70, a burguesia agrária – utilizando-se de créditos institucionais – torna-se a principal controladora e fornecedora de matérias-primas às cooperativas, como a Cocamar em Maringá, a Integrada e a Confepar em Londrina. As cooperativas agropecuárias passaram a atuar como empresas orientadas pelos imperativos do mercado, distanciando-se dos princípios da ajuda mútua e gestão compartilhada. Sua principal vantagem em termos de mercado é permitir aos cooperados, sobretudo aos produtores rurais mais capitalizados e organizados em padrões empresariais, redução do número de intermediários tanto do lado de seu consumo produtivo, como pelo lado do armazenamento e comercialização da produção.

No Norte do Paraná a presença de pequenos e médios produtores de aves, leite, milho e principalmente soja e trigo, se mostrou atrativa para constituição de grandes cooperativas agropecuárias, apresentando mais de 90 mil associados (Souza et al., 2007). Essas empresas tornaram-se responsáveis por receber, armazenar, transportar e vender a produção dos cooperados, além de viabilizar a compra dos insumos. A partir de meados dos anos 1980 e principalmente nos 1990, algumas cooperativas se transformaram em grandes agroindústrias produtoras de óleo de soja, farelo, rações, sucos industrializados e derivados do leite, como é o caso da Cocamar, uma das principais empresas do circuito superior da economia urbana maringaense.

Em Londrina o cooperativismo teve início nos anos 1950, com a atuação da Cooperativa Agrícola de Cotia – CAC – que durante décadas dominou o cenário do cooperativismo nacional. A partir desse município a cooperativa passou a ter uma atuação regional ampla, estendendo sua influência sobre mais de 200 municípios paranaenses ao longo dos anos 1950-70 (Ocepar, 2006). No início dos anos 1990, a empresa entrou em falência deixando um enorme passivo trabalhista na cidade, sendo sucedida pela Cooperativa Integrada que manteve parte do patrimônio e do mercado conquistado pela CAC. Outras cooperativas foram criadas nos anos 1960, como a Cativa e Confepar, e tiveram apoio creditício, técnico e legal com base na legislação criada após o golpe militar de 1964. A formação dessas cooperativas indica certa tendência de internalização de grandes cooperativas agropecuárias no circuito superior de Londrina a partir de capitais de origem local. Isso chama atenção uma vez que, até então essa parcela fundamental da nova relação cidade-campo que se instalava no Norte do Paraná, vinha sendo dinamizada com capital oriundo de São Paulo, como no caso da CAC.

Além das cooperativas, as agroindústrias ligadas aos grandes capitais nacionais e estrangeiros, também se instalaram em Londrina e cidades vizinhas, redefinindo a dinâmica econômica da cidade. A pujança da acumulação de capital propiciada pela cafeicultura viabilizou a modernização pela via da industrialização e a produção de novas mercadorias como o café solúvel. A pioneira nesse processo foi a Companhia Cacique que tem sede em Londrina e, até o final dos anos 1970, foi um dos representantes mais destacados do circuito superior londrinense.

O circuito superior em Maringá foi marcadamente influenciado pela dinâmica de formação, expansão e transformação da Cocamar. Criada em 1963, essa cooperativa teve sua consolidação ao longo dos anos 1970. A década seguinte assiste à intensificação de sua verticalização e à introdução de estabelecimentos industriais processadores da produção rural. A força e a importância da Cocamar na economia urbana de Maringá se expressa no montante de empregos, na centralização de seus investimentos na cidade, na absorção de força de trabalho qualificada em diversas atividades terciárias e industriais. Recentemente, a Cocamar estendeu sua atuação em direção a Londrina, integrando ainda mais essas duas economias urbanas que polarizam o Norte do Paraná, ao adquirir o controle acionário da Corol, cooperativa agroindustrial antes sediada na cidade de Rolândia, situada na área de influência direta da economia urbana londrinense.

O agronegócio em Londrina e Maringá não se limita apenas à presença de cooperativas agroindustriais e outras empresas do ramo de capitais nacionais e internacionais, realizando compra e processamento de produtos. A complexa estrutura dos agronegócios da soja – trigo e carnes, para ficar em apenas em alguns tipos de produtos, envolve ainda uma diversidade de outros elementos do circuito superior. A começar pela pesquisa e desenvolvimento, particularmente da soja, concentradas em Londrina através da Embrapa Soja e do Iapar. Nos anos 1970, avançaram a pesquisa e o desenvolvimento da agropecuária nacional, sobretudo a paranaense, pois o governo estadual criou, em 1972, o Instituto Agrônomo do Paraná (Iapar), com sede em Londrina. Segundo Fresca (2011), essa criação coincidiu com expansão da produção da soja no norte do Paraná. Em 1970, a região respondeu por 47% da produção paranaense de soja, contribuindo muito para a expansão desse cultivo.

O Iapar conta atualmente com dois polos regionais de pesquisa (Curitiba e Ponta Grossa), 16 fazendas experimentais, 23 estações agrometeorológicas e 25 laboratórios de diferentes áreas de especialidade para pesquisa e prestação de serviços. Tem em seu quadro de funcionários 110 pesquisadores com doutorado e pós-doutorado e entre seus programas e projetos, desenvolve e desenvolve várias cultivares multiplicadas por produtores de sementes, através de contratos de licenciamento para venda das mesmas (Iapar, 2011).

Do ponto de vista da pesquisa agrícola tem-se ainda a presença do Centro Nacional de Pesquisa da Soja, CNPSo, mais conhecida como Embrapa Soja em Londrina. A posição estratégica da cidade garantiu condições para sediar a Embrapa Soja, tendo em vista a expansão do cultivo da soja para as áreas de cerrados nos anos 1970, articulada aos objetivos do governo federal de modernização da agricultura nacional. A partir de 1976 a Embrapa Soja lança a primeira cultivar destinada a ser utilizada no Rio Grande do Sul. Até março de 2009 foram lançadas 257 cultivares criadas individualmente pelo centro de pesquisa ou por meio de parcerias (Campos, 2010). Desde sua criação, o maior número de cultivares foi lançado entre 2000 e 2009, totalizando 111 (Campos, 2010). A Embrapa e o Iapar constituem dois importantes centros de pesquisas em escala nacional e regional, ligados ao desenvolvimento de material genético para a agricultura, com destaque para a soja. No caso do instituto paranaense, as pesquisas envolvem também outros produtos. Ambos representam a inserção de Londrina na divisão territorial do trabalho como centro ligado ao agronegócio, cuja influência tem escala nacional (Fresca, 2011).

Assim como acabamos de descrever para o circuito superior londrinense, também em Maringá destaca-se a consolidação do circuito superior a partir de círculos de cooperação (Santos, 1986), que reúnem o saber científico presente na universidade e o setor produtivo. O chamado Projeto Stévia é um indicador de como a aplicação da ciência e da tecnologia desenvolvidas a partir de pesquisas universitárias pode alimentar o desenvolvimento de novos atores da economia urbana. A partir das pesquisas engendradas na Universidade Estadual de Maringá (UEM), desenvolveram-se empresas fabricantes de adoçantes e outros produtos alimentícios das linhas *diet e light*. Esses casos exemplificam didaticamente a existência dos chamados círculos de cooperação e auxiliam na explicação da dinâmica territorial de algumas atividades econômicas, com maior conteúdo de ciência e tecnologia.

Vinculada ao processo de expansão do agronegócio em Londrina e municípios adjacentes, tem-se ainda a presença de uma diversidade de indústrias produtoras de agroquímicos, que são tanto de capital nacional como internacional. É o caso da Chen China que, em 2012, adquiriu o controle da Milênia Agrociências, empresa sediada em Londrina, antes pertencente ao grupo israelense Makhteshin Agan. É também o caso das empresas Nortox, Bunge, Seara e Inquima, entre outras, que têm estabelecimentos em municípios próximos a Londrina. São indústrias que, além da produção de agroquímicos, contam com laboratórios de pesquisas voltados para geração de moléculas (Fresca, 2011).

Neste sentido, as transformações emanadas do movimento geral da sociedade, a partir dos anos 1970, trouxeram para a formação social da pequena propriedade no Norte do Paraná uma evolução bastante dinâmica. Esse dinamismo se deveu tanto as ações de agentes locais em contínuo percurso de investimentos, como as ações de empresas de capital

nacional e internacional. Deveu-se também à participação do Estado na economia urbana que, em suas diversas esferas, forneceu créditos, criou institutos de pesquisas e ampliou a infraestrutura.

No contexto de forte expansão dos agronegócios, a burguesia agrária tornou-se a consumidora preferencial tanto no que se refere ao consumo produtivo como no que se refere ao consumo consumptivo regional. Ela se fez presente nos investimentos da produção da cidade, nas construtoras e nos empreendimentos imobiliários, somando-se a ela, uma burguesia e uma classe média alta urbana, ligadas a grandes e médias indústrias de transformação, à indústria da construção civil ou a empresas de serviços médico-hospitais, educacionais e jurídicos, entre outros. Eis aí uma parcela do conjunto de clientes do pujante, sofisticado e diversificado circuito superior presente tanto em Londrina como em Maringá.

Outros segmentos econômicos do circuito superior em Londrina e Maringá

Um fator importante na análise da formação do circuito superior nas duas cidades, é a temporalidade distinta com que se formam e entram em decadência certos ramos de atividade econômica, em função do próprio processo de estruturação e reestruturação da rede urbana e, ligadas a isso, as transformações na inserção do Norte do Paraná na divisão territorial de trabalho na escala nacional e internacional. Nesse sentido esclarecemos que, considerando os limites do presente trabalho e face à existência de volumosa bibliografia sobre o setor industrial, destacam-se aqui apenas aspectos da indústria da construção civil e seu entrelaçamento com capitais mercantis e atividades comerciais.

A composição e a dinâmica do circuito superior em Londrina são intrincadas e constituíram-se por movimentos complexos de ascensão de capitais locais e chegada de grandes capitais regionais, nacionais e transnacionais. Nesse sentido, pode-se dizer que a tendência de intensificação da internacionalização da economia urbana de Londrina e a imbricação de escalas diversas, são mais intensas e complexas do que os processos que se sucedem em Maringá. Correspondendo a esse processo, o circuito inferior londrinense se mostra mais denso e diferenciado do que o de Maringá, graças às inúmeras sinapses entre o circuito superior e inferior londrinenses (Oliveira, 2011; Postali-Santana, 2013).

Em Londrina, mais precocemente do que em Maringá, a criação de grandes empresas de capital local, a exemplo do empreendimento consorciado que levou à implantação do Shopping Com Tour em 1973, (o terceiro *shopping center* do Brasil), representa uma das especificidades do acolhimento e redefinição do processo de modernização com base na dinâmica urbana local. Uma série de novas empresas foram criadas nesse período e, entre elas, destacam-se algumas construtoras e empresas ligadas aos *shopping centers*. Essas empresas consolidaram-se ao longo dos anos 1980, dando uma configuração mais ampla ao circuito superior. Na base dessa consolidação está a presença de uma elite agrária que administra seus negócios rurais a partir da cidade. Essa burguesia de base agrária impulsionou mercados específicos do circuito superior, contribuindo para intensificação da divisão social do trabalho na escala local, alimentando empreendimentos como o Shopping Com Tour, a verticalização e a sofisticação do comércio.

Um segundo momento nesse processo é representado pela construção do Shopping Center Catuaí, inaugurado em novembro de 1990 em área distante da então malha urbana da cidade, reproduzindo um modelo de localização que buscava amplo mercado consumidor. Os anos 1990 e a primeira década do século XXI marcam um momento em que, as novas formas ligadas ao consumo, especialmente os *shopping centers* se expandem por todo país. Eles representam uma modernização específica que amplia e torna ainda mais complexa a relação umbilical entre meio construído e circuito superior. Em Londrina, o Shopping Center Catuaí teve origem numa fusão de capital local – representado pela Construtora Khouri – com capitais forâneos, a exemplo da participação acionária de empresas como Light do Rio de Janeiro, Rhodia e White Martins nesse empreendimento (Grassiotto, 2000). A esses capitais somaram-se também financiamentos e participação de fundos previdenciários da Embrapa e Banco do Brasil.

Na busca por diversificação de seus investimentos a Viação Garcia – na época uma empresa londrinense de transporte rodoviário de passageiros, vendida recentemente para empresário paulista – edificou em terreno próprio com área de 4.000 m², o terceiro *shopping center* de Londrina: o Royal Plaza Shopping. Localizado na área central da cidade, o Royal Plaza teve sua construção iniciada em 1995 e foi inaugurado em 2000. Atualmente conta com 120 lojas, totalizando 17.500 m² de área construída distribuída em três pavimentos. No entanto, esse *shopping*, que tem apenas duas lojas âncoras e 400 vagas de garagem, coloca-se como um local de consumo que garantiu a continuidade desta centralidade, mas não provocou forte revalorização de seu entorno, pois gerou poucas alterações do ponto de vista dos usos e também dos preços.

Também merece destaque a ação do Super Muffato – rede regional de supermercados com atuação no Paraná e interior de São Paulo – que em 2001, inaugurou na porção norte da malha urbana de Londrina, um supermercado da rede. Em área anexa a este estabelecimento, construiu outro empreendimento comercial denominado Planet Shopping, com área construída de 41.000 m². Inaugurado em 2009, esse *shopping center* resultou de investimentos da ordem de 150 milhões de reais, dos quais 50% foram fornecidos pelo próprio grupo Super Muffato. O *mix* comercial é composto por 183 lojas, sendo seis lojas âncoras, 45 lojas satélites e as demais se prestam à oferta de serviços diversos, em área construída de (Beidack, 2009).

Outro *shopping* em Londrina é o Norte Shopping, iniciado pelo Grupo Catuaí, que em 2012 teve seu controle acionário vendido para o Grupo BRMalls – maior empresa integrada de *shopping centers* da América Latina. Esse grupo tem participação em 47 *shoppings*, e é a única empresa nacional do ramo com presença nas cinco macrorregiões brasileiras. O Norte Shopping fica na zona norte da cidade e tem área de 32.502 m², dez lojas âncoras, 1.500 vagas de estacionamento, seis salas de cinema e um total de 163 lojas. Foi inaugurado em novembro de 2012.

Na esteira da expansão do consumo, inaugurou-se outro *shopping center* em Londrina em maio de 2013. O Boulevard Londrina Shopping resultou de parcerias entre a Sonae Sierra Brasil e o Grupo Marco Zero, administrado pela londrinense Raul Fulgêncio Negócios Imobiliários, cujo controle acionário foi adquirido pela Lopes em 2012. O empreendimento está localizado na porção leste de Londrina, em área próxima ao centro principal e à estação rodoviária,

com acesso direto à av. Dez de Dezembro, principal eixo viário norte-sul que atravessa boa parte da malha urbana e permite o acesso às rodovias BR-369 e PR-455. Esse *shopping center* tem dois pisos, totalizando 47.800 m² de área bruta locável, 2.400 vagas de estacionamento, abrigando 216 lojas, além do hipermercado Wal-Mart, sete salas de cinema e área de lazer. O Boulevard Londrina Shopping é parte do Complexo Marco Zero, nome do megaempreendimento imobiliário que envolve ainda edifícios residenciais e comerciais, um teatro a ser construído pelo poder público local, o hotel Ibis e centro de convenções.

Em Maringá, o número de *shopping centers* também aumentou e, como em Londrina, parte dessa expansão se deu com base em empreendimentos predominantemente geridos por capitais locais/regionais. O primeiro a ser construído foi o Shopping Avenida Center, inaugurado em 1989. Localizado na área central, esse *shopping* tem área construída de 39.000 m² e 190 lojas.

O segundo foi o Shopping Cidade, também localizado na área central de Maringá, tem 27.000 m² de área bruta locável, 120 lojas, 700 vagas de estacionamento, três salas de cinemas e duas lojas âncoras. O terceiro empreendimento é o Maringá Park, edificado na área central da cidade, contanto atualmente com 23.000 m² construídos em três pavimentos. Como todos estes empreendimentos estão localizados na área central, Maringá teve sua centralidade intraurbana bastante reforçada. Contudo, recentemente este padrão de localização foi alterado mediante a implantação do quarto *shopping*. Trata-se do Catuaí Shopping Maringá, distante da área central, junto ao entroncamento de rodovias que dão acesso ao oeste e ao sul do Paraná. Esse *shopping* é o maior empreendimento do gênero presente na cidade. Inaugurado em 2010, tem 32.329 m² de área bruta locável, 216 lojas, seis lojas âncoras, 22 *fast-foods*, um centro de diversões, cinco salas de cinema, um hipermercado e 1.650 vagas de estacionamento. Tal como o Shopping Catuaí de Londrina, também teve seu controle acionário vendido para a BRMalls.

Considerações finais

Defende-se a tese de que, no início de século XXI, as economias urbanas de Londrina e Maringá se caracterizam por forte grau de polarização regional e, por serem núcleos principais de aglomerações urbanas, essas cidades se tornaram fomentadoras de processos de metropolização.

Ao mesmo tempo em que se sofisticam, dinamizam e internacionalizam, porque agregam novas atividades e atores vindos de fora, as economias urbanas londrinense e maringaense também desenvolvem localmente empresas e atividades econômicas importantes, com atuação nacional e internacional.

Essas cidades oferecem novos serviços, antes presentes apenas em metrópoles tradicionais, o que pode ser exemplificado pelo setor de serviços médico-hospitalares de alta complexidade, como certos transplantes de órgãos, outros procedimentos e exames de alta complexidade como os de determinação de carga viral em pacientes HIV soropositivos, na pesquisa básica, e os da produção de cultivares transgênicos, entre outros. As escalas de abrangência dessas novas atividades dos serviços quaternários (Gottmann, 1976), antes presentes apenas em metrópoles brasileiras, são indicativas de que algo novo e de proporções significativas, em termos de porte e importância, está ocorrendo no desenvolvimento econômico dessas duas cidades. Apoiados nas novas densidades técnicas e normativas, os circuitos superiores de Londrina e de Maringá têm espessuras vertical e horizontal consideráveis.

As verticalidades desses circuitos superiores revelam que suas centralidades são múltiplas e que os agentes envolvidos na produção da cidade são de porte global. Processos de descentralização e revitalização das áreas centrais revelam a nova configuração e maior densidade técnica e normativa do meio construído e da economia urbana em Londrina e em Maringá. Esses processos se revelam na paisagem pela abertura de novas superfícies de consumo representadas principalmente pelos diversos *shopping centers* construídos e administrados por empresas de grande porte, como os grupos BRMalls e Sonae.

Em cada uma dessas novas superfícies de consumo, instalam-se lojas de produtos sofisticados e consumo restrito como joias, perfumes e roupas, ampliando o número de empresas e atividades do circuito superior ligado ao consumo de luxo. Demonstra-se, assim, a importância do circuito superior como força determinante de muitos aspectos da dinâmica intra e interurbana no período atual.

Além desses movimentos específicos, outras empresas locais de grande porte como a Viação Garcia também foram alvo de grandes grupos empresariais nacionais, verticalizando a economia urbana de Londrina e modificando sua participação na dinâmica territorial da divisão do trabalho, com a perda de comando sobre a gestão do capital. Ao mesmo tempo, empresas londrinenses da construção civil passaram a ter atuação nacional e até mesmo internacional, como o caso da construtora Plaenge, com empreendimentos no Chile. Em Maringá, vale destacar a ampliação da Cocamar, que no início de 2012, adquiriu o controle da Corol de Rolândia, reforçando sua base regional.

As horizontalidades se multiplicam à medida que o circuito superior se torna mais denso e numeroso. Os novos atores passam a demandar serviços cotidianos fornecidos localmente como transporte de documentos e mercadorias, insumos e outras condições gerais de produção ou de circulação. Pequenas e médias empresas fornecedoras se instalam para atender à demanda empresarial ampliada, como no caso das empresas de moto-boys e de mototáxis, de embalagens, *softwares* e contabilidade, entre outras, ampliando e redefinindo também o circuito superior marginal e o circuito inferior da economia urbana (Oliveira, 2011, p. 292).

Os elementos discutidos neste artigo indicam que é cada vez mais difícil seguir adotando classificações tradicionais para essas cidades, visto que, embora não sejam mais consideradas médias, ainda não se configuram como metrópoles no sentido mais importante: o poder de gestão do capital em escala nacional ou em parte dela.

Referências

- ALBUQUERQUE, V. B. P. *Especulação e valorização imobiliária na Palhano em Londrina: rítmicas pelo espaço e tempo da produção condominial*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- BEIDACK, A. R. S. *Análise da produção do espaço urbano de Londrina: de cincão à zona norte: 1970-2007*. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

- BERNARDES, L. M. C. Crescimento da população do estado do Paraná. In: FRESCA, T. M.; CARVALHO, M. S. *Geografia e norte do Paraná: um resgate histórico*. Londrina: Humanidades, 2007. v. 2.
- CAMPOS, M. C. *A Embrapa/soja em Londrina-PR: a pesquisa agrícola de um país moderno*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.
- CARVALHO, M. S. *A pequena produção de café no Paraná*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.
- CASARIL, C. C.; FRESCA, T. M. Verticalização em Londrina-PR (1970-2000): a acelerada construção de edifícios altos. In: SIMPÓSIO PARANAENSE DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, 1., 2006, Maringá. *Anais...* Simpósio Paranaense de Pós-graduação em Geografia, 2006. v. 1. p. 93-104.
- ENDLICH, A. M. Maringá e a rede urbana regional: resgate histórico geográfico. *Boletim de Geografia*, Maringá: DGE/Universidade Estadual de Maringá, v. 1, p. 1-21, 1999.
- FRESCA, T. M. As dimensões espaciais de Londrina – PR. *Relatório Final de Atividades Pós-Doutorais*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. Inédito.
- _____. *A rede urbana do norte do Paraná*. Londrina: Eduel, 2004.
- GINI, S. *Repensando a construção da hegemonia empresarial nos 10 anos que mudaram Maringá – 1994 a 2004*. Maringá: Acim, 2008.
- GOTTMANN, J. A dinâmica das grandes cidades. *Boletim Geográfico*, Rio de Janeiro, v. 34, n. 255, p. 5-14, out./dez., 1976.
- GRASSIOTTO, M. L. F. *Espaços comerciais: a arquitetura em dois shopping centers de Londrina*. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- IAPAR. Instituto Agrônomo do Paraná, 2011. *Sobre o Iapar*. Disponível em: <www.iapar.br>. Acesso em: 12 mar. 2011.
- KOMARCHESQUI, B. M.; BONI, P. C. No ar a ZYD-4 Rádio Londrina: o progresso do setentrião paranaense nas ondas do rádio. *Unopar Científica, Ciências Humanas e Educação*, Londrina, v. 10, n. 1, p. 11-17, jun. 2009.
- LEITE, C. H. F. Do meio à mediação: o papel do jornal *Paraná-Norte* na sociedade londrinense – 1934 a 1953. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 6., 2013, Maringá. *Anais...* Congresso Internacional de História, 2013. v. 1. p. 1-11.
- LINARDI, M. C. N. *Pioneirismo e modernidade: a urbanização de Londrina-PR*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- LUZ, F. *O fenômeno urbano numa zona pioneira*. Maringá. Maringá: Prefeitura Municipal de Maringá, 1997.

- MENDES, C. M. Um pouco da cultura do concreto: algumas experiências sobre a verticalização urbana. In: DIAS, R. B.; GONÇALVES, J. H. R. (Orgs.). *Maringá e o norte do Paraná: estudos da história regional*. Maringá: Eduem, 1999. p. 389-405.
- MONTENEGRO, M. R. *Globalização, trabalho e pobreza no Brasil metropolitano: o circuito inferior da economia urbana em São Paulo, Brasília, Fortaleza e Belém*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- MORO, D. A. *Maringá espaço e tempo: ensaio da geografia urbana*. Programa de Pós-graduação em Geografia – Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2003.
- OCEPAR. A reorganização do cooperativismo do Paraná. *Revista Paraná Cooperativo*, n. 23, p. 10-29, jul./ago. 2006. Disponível em: <<http://www.ocepar.org.br/ocepar/servlet/PublicacaoMostrar01?ServletState=1&IM=20.18.00>>. Acesso em: 8 jun. 2012.
- OLIVEIRA, E. L. *Divisão do trabalho e circuitos da economia urbana*. Londrina: Eduel, 2011.
- POSTALI-SANTANA, V. B. *Rigidez normativa e circuito inferior em Maringá-PR: territórios, atividades e atores*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2013.
- SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2004.
- _____. Os circuitos espaciais da produção. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. (Orgs.). *A construção do espaço*. São Paulo: Nobel, 1986.
- _____. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- SILVEIRA, M. L. Finanças, consumo e circuitos da economia urbana na cidade de São Paulo. *Caderno CRH*, Salvador: Centro de Recursos Humanos da UFBA, v. 22, n. 55, p. 65-76, 2009.
- _____. Globalización y circuitos de la economía urbana en ciudades brasileñas. *Cuadernos del Cendes*, Caracas, v. 3, n. 57, p. 1-21, 2004.
- SOUZA, A. M. et. al. A evolução histórica do cooperativismo. *Maringá Management: Revista de Ciências Empresariais*, Maringá, v. 4, n. 1, p. 35-42, jan./jun. 2007.
- TOZI, F. *Rigidez normativa e flexibilidade tropical: investigando os objetos técnicos no período da globalização*. Tese (Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- VELHO, A. P. M. *A história do rádio em Maringá*. Disponível em: <paginas.ufrgs.br/.../A%20Historia%20do%20Radio%20em%20Marin>. Acesso em: 21 ago. 2012.